

HISTÓRIA E MEMÓRIA DOS PROCESSOS DE DES-RE-TERRITORIALIZAÇÃO DOS PEQUENOS PRODUTORES RURAIS DE FAROL- PR

Diego de Melo Oliveira

Mestre e doutorando pela Universidade Estadual de Maringá
diegomelo1906@gmail.com

Alexandre Luís Ponce Martins

Doutor em Geografia pela Universidade Estadual de Maringá e professor colaborador da Universidade Estadual do Paraná – Paranavaí
poncemartins@hotmail.com

Henrique Manoel da Silva

Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Maringá
hmslepreux@gmail.com

RESUMO: No presente artigo buscamos compreender os aspectos da territorialização e des-re-territorialização dos pequenos produtores rurais do município de Farol, bem como compreender a relação urbano/rural. Nessa perspectiva procuramos evidenciar como as atividades do campo estão presentes nas relações e nas práticas cotidianas na cidade de Farol. O município é fortemente caracterizado pelas atividades agrícolas, com a produção de monocultura da soja e milho. Fato que contribui para diminuição da população que vive no campo, especialmente nas últimas décadas. Nesse sentido, para compreender o processo de êxodo rural, reunimos fotografias antigas, entrevistas com pioneiros do município, para entender a relação passado/presente, visto que o passado está no presente das novas territorialidades.

Palavras-chave: História. Território. Pequenos Produtores rurais. Modernização da Agricultura.

HISTORY AND MEMORY OF THE TERRITORIALIZATION PROCESSES OF SMALL RURAL PRODUCERS OF FAROL-PR

ABSTRACT: In this article we seek to understand aspects of territorialization and reterritorialization of small rural producers in the municipality of Farol, as well as to understand

the urban/rural relationship. In this one, we seek to show how rural activities are present in everyday relationships and practices in the city of Farol. The municipality's production is concentrated by agricultural activities, with the monoculture of corn and corn. This fact contributes to the increase in the population living in the countryside, especially in recent decades. In this sense, to understand the process of rural exodus, we gathered old photographs, interviews with pioneers of the municipality, to understand the past/present relationship, since the past is in the present of the new territorialities.

Keywords: History. Territory. Small Rural Producers. Modernization of Agriculture.

INTRODUÇÃO

O momento atual é marcado pela mudança e rapidez com as quais deixamos as coisas e os lugares, o sujeito que vivia no campo estava habituado a uma vida menos agitada e ao migrar para a cidade encontra outro ritmo de vida, mais rápido, mais acelerado e, deste modo, passa a procurar formas de não se distanciar daquilo que já vivera no campo.

Desta maneira, iniciamos este estudo partindo da necessidade de realizar uma leitura geográfica com o intuito de estabelecer uma reflexão crítica a partir de alguns questionamentos: quais foram os fatores que levaram a territorialização e des-re-territorialização de pequenos produtores de Farol? Qual o entendimento e a percepção dos pequenos produtores rurais sobre este processo de saída do campo para a cidade? Esses pequenos produtores rurais ao saírem do campo para a cidade carregam consigo quais memórias?

Com base nesses questionamentos, a hipótese levantada é de que significativa parte dos pequenos produtores rurais de Farol, aos quais saíram do campo para cidade, não fizeram isso unicamente por opção, mas sim também a partir de um processo decorrente da modernização da agricultura. Esta última, por sua vez, abrange especialmente os grandes produtores rurais de monoculturas modernas, isso por meio do binômio produtivo que envolve as culturas de soja e trigo

Neste sentido, para compreender os processos de territorialização e desterritorialização dos pequenos produtores rurais do município de Farol, bem como compreender as relações desses atores sociais no espaço urbano, dividimos a pesquisa em três momentos.

O primeiro momento refere-se à territorialização que se deu com colonização oficial do município de Farol, realizada pelo Estado, por meio das Colônias e Glebas. O segundo, é em relação de desterritorialização, isto é, situação que marca a saída dos pequenos produtores rurais do campo para outras regiões, cidades e fronteiras agrícolas. O terceiro trata-se da reterritorialização desses pequenos produtores na cidade de Farol, a partir década de 1970 a qual é acentuada após o ano de 2010, quando houve a inversão população rural para urbana.

Assim, nossa reflexão centrou nas relações sociais, especialmente nas dimensões, histórica, cultural e espacial, materiais e imateriais presentes no território. Para realizar a referida análise, o recorte temporal do espaço urbano de Farol foi do período de 1950 até 2017.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Desde a luta pela sobrevivência até a revolução industrial o intervalo entre essas duas extremidades, da vida cooperativa em aldeias passamos à divisão simples do trabalho na cidade, e desta, às relações mais intensas e complexas das cidades maiores que cresceram até atingir o tecido urbano de relações incontáveis que hoje interliga todo o planeta e onde 80% de nossas espécies vivem desde fins do século passado. (CUNHA, 2008, p. 13).

Neste processo de ocupação do mundo formamos e transformamos os territórios que habitamos até torná-los os reflexos de nós mesmos, ou seja, territorialidades que expressam a ligação entre o substrato material da vida e a atividade humana de produção dos meios de existência que, juntas, constituem a forma-conteúdo reveladora de modos de vida que é a cidade. (SANTOS, 1999).

Para compreender todo esse processo de transformação do espaço urbano, numerosos estudos foram e são realizados sobre tal temática, porém longe de ter sido esgotado, ainda mais ao se tratar de um país de grandes dimensões continentais como o Brasil.

De acordo com Correa (1995), a cidade como espaço urbano pode ser como um conjunto de pontos, linhas e áreas que pode ser abordada de modos diferentes, uma forma de análise seria a partir da percepção que seus habitantes têm do espaço urbano e de suas partes. Seguindo essa perspectiva, é que analisamos as transformações ocorridas no espaço urbano de Farol.

Farol está localizado na Mesorregião Centro Ocidental Paranaense, faz limites com os municípios de Araruna e Tuneiras do Oeste, ao norte; ao sul como Boa Esperança e Mamborê; a leste com Campo Mourão e; a oeste, com Janiópolis. O município possui uma área de 289, 232 km², estando a uma altitude média de 630 metros, conforme a Figura 1.

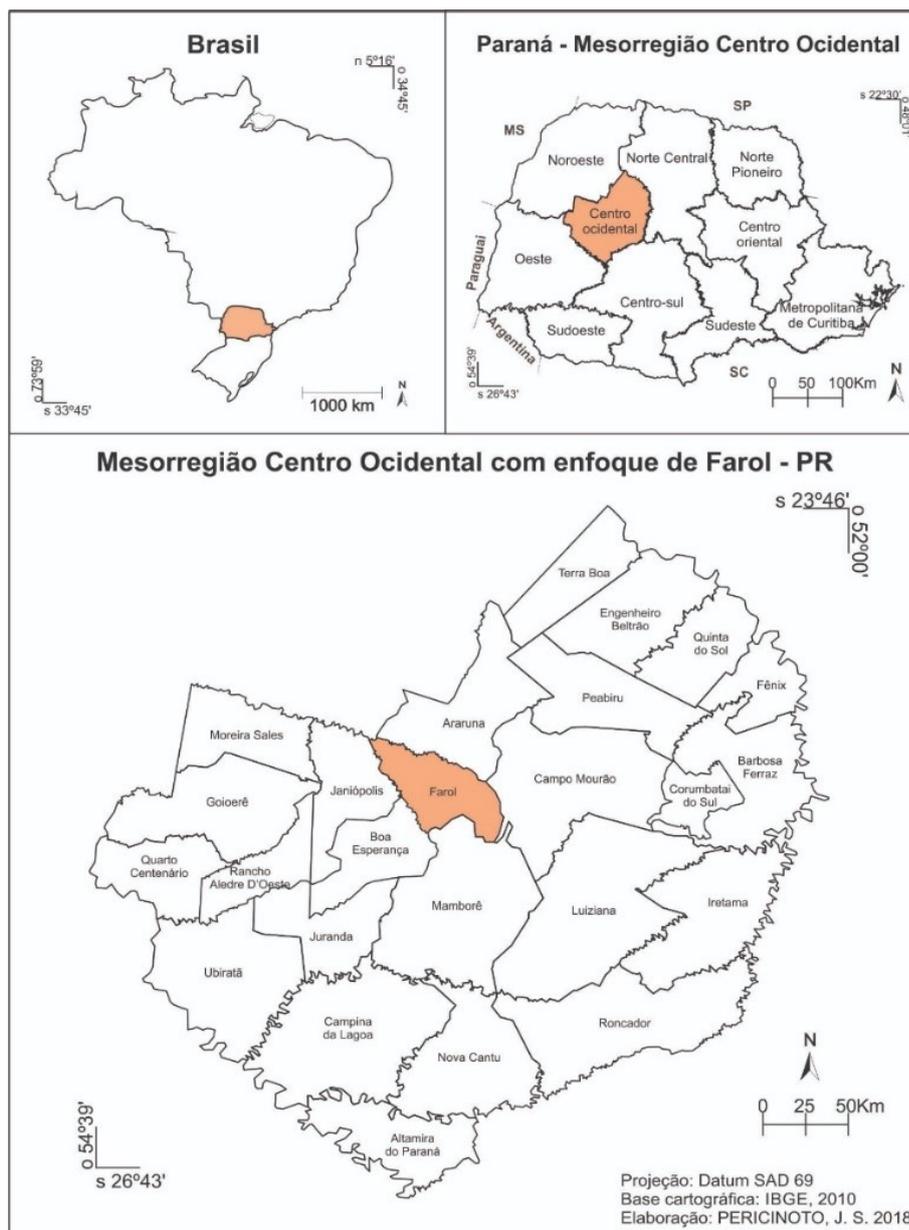


Figura 1: Mapa de localização do município de Farol.

Fonte: IPARDES (2004).

A história do município de Farol, com o processo de territorialização tem início em meados de 1934. Nesse período, habitavam apenas poucas famílias, que ocuparam parte da área de Farol. São atores sociais de origem da colonização espontânea, ou seja, os primeiros habitantes chegaram à localidade sem o incentivo de alguma empresa colonizadora privada.

De acordo com Andrade, o processo de colonização oficial na mesorregião iniciou-se na década de 1940, quando o Estado tornou-se um agente imobiliário dividindo a área em colônias de ocupação e glebas. Tal situação ocorreu com predomínio de lotes pequenos, entre 20 a 30 hectares aproximadamente. Na atualidade aquelas propriedades correspondem, em parte, aos atuais pequenos produtores rurais do município (ANDRADE, 2013).

De acordo com Cardoso (2006), em 1942 a colonização ocorrera de forma mais intensa, com famílias oriundas do sul do Paraná, São Paulo, Minas Gerais e também de outros estados do nordeste brasileiro.

Aquela localidade, a partir de 1948, passa a ser um patrimônio com o nome de Pinhalão D'Oeste pertencendo ao município de Campo Mourão, posteriormente, em 30 de novembro de 1955 torna-se distrito administrativo, tornou-se município somente no dia 23 de junho de 1991 (CARDOSO, 2006).

Conforme os dados amostrados na Tabela 01, a cidade de Farol, de acordo com o último Censo do IBGE, possuía uma população de 3.472 habitantes, sendo ela a segunda menor, em números de habitantes da mesorregião Centro Ocidental Paranaense, e a menor na Microrregião.

A maioria dos estudos urbanos, em países subdesenvolvidos se interessa de preferência pelas cidades grandes, principalmente pelo fenômeno da macrocefalia. Todavia, se considerarmos com atenção tanto as estatísticas como a realidade, vemos perfilar-se outros fenômenos urbano, o das cidades locais que a nosso ver, merece tanto interesse quanto o precedente (SANTOS, 2008, p. 85).

E seguindo a ideia apresentada por Milton Santos, procuramos voltar nossa atenção às cidades menos estudadas e destarte aos pequenos municípios. Assim, Farol em 1970 contava com uma população de 11.614 habitantes, sendo 808 habitantes urbanos, 10.806 habitantes rurais conforme a tabela 1.

Tabela 1 - População total, urbana e rural de Farol-PR

Microrregião Geográfica de Campo Mourão	POPULAÇÃO-HABITANTES									
	RURAL					URBANA				
	1970	1980	1991	2000	2010	1970	1980	1991	2000	2010
Aranuna	19.207	9.743	6.529	3.947	2.944	4.167	4.576	5.858	9.134	10.475
Barb. Ferraz	31.347	26.802	7.517	4.375	3.075	6.065	10.815	10.870	9.735	9.581
C. Mourão	49.338	26.409	9.983	5.722	4.518	27.780	50.366	72.335	74.754	82.676
Cor. do Sul	10.384	7.453	4.880	2.960	1.875	609	1.396	1.762	1.998	2.127
Eng. Beltrão	21.962	9.756	6.293	2.953	1.628	3.415	5.788	8.378	11.129	12.278
Farol	10.806	4.115	2.551	2.019	1.454	808	1.118	1.837	1.944	2.018
Fênix	11.913	4.141	1.967	1.106	807	2.897	3.438	4.016	3.836	3.995
Iretama	13.328	17.929	9.292	5.179	4.435	1.722	4.373	6.522	6.156	6.187
Luiziana	7.209	10.059	5.916	3.402	2.559	316	1.796	3.187	4.138	4.756
Mamborê	29.780	16.561	7.718	6.141	4.977	4.735	8.419	8.314	9.014	8.984
Peabirú	17.446	8.292	5.014	2.991	2.615	6.726	7.939	9.147	10.491	11.009
Quinta do Sol	14.134	5.078	2.227	2.305	1.277	1.757	2.755	3.372	3.454	3.811
Roncador	12.401	14.834	11.579	6.809	4.417	1.051	3.542	5.994	6.826	7.120
Terra Boa	14.456	9.036	5.201	3.463	2.725	5.355	7.440	9.761	11.177	13.051
Microrregião	263.711	170.208	86.667	53.372	39.306	67.704	113.761	151.353	163.786	178.068

Fonte: IBGE – Org: Andrade, Áurea (2012) Adaptado: Oliveira, Diego (2019)

De acordo com a Tabela 1 a população rural de Farol entre às décadas de 1970 e 1980 reduziu-se em 6.791 habitantes, um número muito expressivo e que demonstra o intenso processo de desterritorialização dos trabalhadores rurais. Já em 2010 a população total do município é de 3.472 habitantes, sendo 2.018 habitantes urbanos e 1.454 rurais, ocorrendo uma diminuição de 8.220 habitantes no município.

Como já salientamos inicialmente, para entender o processo de territorialização de Farol se faz necessário que compreendamos como se deu a colonização regional. De acordo com Andrade (2012), o processo de colonização da microrregião de Campo Mourão, a qual o município de Farol pertence, efetivou-se entre as décadas de 1940 a 1960, período em que se predominavam as culturas de subsistências e comerciais, ambas implementadas ainda com técnicas tradicionais.

No entanto, após os anos de 1970, com o surto da modernização “conservadora” ou avanço tecnológico no campo e concomitante à introdução das culturas mecanizadas da soja e do trigo, emerge-se uma nova forma de produzir. Essa novidade na produção está relacionada, segundo Martine, (1991):

Tanto a mudança na escala de produção trazida pelo novo pacote tecnológico, como a tendência especulativa desencadeada pelo processo de modernização, que serviram para acentuar ainda mais a concentração da propriedade da terra, afetando também as relações de produção no campo. Além da mecanização expulsar a mão-de-obra, o espaço de arrendatários, parceiros, posseiros e outros pequenos produtores também ficou reduzido pela "territorialização do capital". Isto provocou um forte êxodo rural (de quase 30 milhões de pessoas entre 1960-80), além de crescente assalariamento da força de trabalho agrícola, muito da qual passou a residir nas cidades. (MARTINE, 1991, p. 30)

Foi justamente nesse período que o Brasil, apresentou um dos maiores índices de pessoas deslocadas forçadamente do campo para a cidade, fato que também podemos considerar nas circunstâncias históricas que envolvem o município de Farol, conforme colocado anteriormente. Em suma, após o processo de territorialização, ocorre a expulsão de trabalhadores rurais, ou seja, a des-re-territorialização.

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi por meio da percepção dos pequenos produtores rurais desterritorializados, questionando-os, quais são os processos e transformações percebidos por esses atores sociais, nas suas relações cotidianas. Para melhor discussão da memória da população local, bem como do aprofundamento dos processos aqui discutidos, utilizamos fotografias como apoio, especialmente na promoção da história oral, o que nos possibilitou melhor interpretação, tanto das imagens, quanto dos pressupostos históricos que envolvem a temática deste artigo.

Para compreender o processo de expulsão dos trabalhadores rurais para o espaço urbano e a desterritorialização do meio rural, utilizamos na pesquisa também a metodologia heurística de Kossoy (2009), ou seja, tem-se como primeira etapa a localização e seleção de fontes para a escolha dos pioneiros e das fotografias, assim se estabelece um cuidado com as fontes identificadas.

Todavia, não basta somente saber onde e como encontrar as fotografias, é necessário também e, sobretudo, saber quais documentos procurar. De acordo com Venâncio (2008) a fotografia pode revelar muitas informações para pesquisa acerca da memória.

Quando lido com a memória posso usar fotos antigas como fonte de pesquisa, buscando indícios que levam a questões da minha pesquisa ou identificar algum acontecimento [...] Nas entrevistas as fotos de arquivo ajudam a relembrar fatos, a despertar a memória, aumentando a margem de diálogo com os informantes. (VENÂNCIO, 2008, p. 5).

Segundo Possamai (2008) uma metodologia importante para análise das imagens fotográficas, como de outras fontes visuais, leva em conta a diferenciação entre forma e conteúdo, ou seja, as escolhas técnicas e estéticas realizadas pelo fotógrafo e os motivos fotografados: paisagens, pessoas, ruas e avenidas, festas, acontecimentos, entre outros.

Nesse sentido, outra fonte referencial da qual fazemos uso é o da história oral, para que além da fotografia pudéssemos ter um arcabouço teórico que possibilitasse o resgate da memória.

A história oral é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais (DELGADO, 2010, p. 15)

Portanto, seguindo a concepção de Delgado, utilizamos nesta proposta de pesquisa a metodologia qualitativa a qual se inscreve a história oral, como um meio e caminho para produção do conhecimento, bem como um melhor entendimento da formação e transformação do espaço.

Contudo, isso não se reduz a uma simples técnica a serviço do pesquisador, pois é um procedimento que deve ser muito bem definido tanto do ponto de vista metodológico quanto epistemológico como aponta Fernandes (1993). Desta maneira, entendemos que não é somente nos colocarmos na posição de entrevistador e sair entrevistando, o trabalho de campo exige do pesquisador uma série de habilidades.

Apesar da análise da pesquisa se restringir a um grupo restrito, os resultados obtidos podem ser extrapolados para inúmeros outros casos de desterritorialização, da qual os

entrevistados em questão fazem parte e reproduzem representações as quais podem ser utilizadas como modelo para pesquisas semelhantes.

3. HISTÓRIA E MEMÓRIA DOS PEQUENOS PRODUTORES RURAIS DE FAROL

Para relacionar teoria e prática, realizamos várias entrevistas com os habitantes do município de Farol. Porém, para maiores detalhamentos da história oral, utilizamos somente de três entrevistas neste artigo, isso não com intuito de concluir a pesquisa, mas conferir a aplicabilidade da metodologia discutida anteriormente.

Por meio das lembranças dos antigos moradores, foi possível fazer uma aproximação e reconstituir a trajetória da formação da cidade de Farol, entender quais são algumas marcas de identidade que ainda permanecem no tempo e no espaço e compreender como o espaço urbano se formou e transformou no decorrer do tempo.

Com os relatos dos entrevistados percebemos que há um laço estreito destes com o meio rural, embora atualmente todos esses entrevistados residam na cidade, acompanharam o processo de crescimento da cidade de Farol, ainda enquanto moradores no campo, com suas relações comerciais locais, ou seja, na compra e venda de seus produtos, principalmente cereais.

Um dos entrevistados é o senhor Perciliano Xavier dos Santos de 94 anos, ele relata que chegou em Farol em 1952, quando ainda tinha 17 anos, ele também relembra que: “[...] plantava algodão que era adoidado, tinha arroz que era adoidado, soja não existia, tinha soja não”.

Os relatos evidenciam que a atividade econômica era em grande parte voltada para o trabalho rural, dando ênfase à produção de milho e algodão, quando a soja ainda não havia se fixado como cultura em território paranaense. A figura 1 evidencia tal circunstância, ela apresenta justamente a carga de algodão que era mais comum na época.



**Figura 1 – Primeiro posto de combustível e um caminhão com carga de algodão, 1950/60.
Fonte: Acervo da Prefeitura de Farol**

Natalício Saraiva dos Santos, morador antigo do município de Farol, relata que veio do distrito de Paraná D'Oeste, pertencente ao município Moreira Sales, com 15 dias de nascimento, ele relata que a população já chegou aos 15 (quinze) mil habitantes. Ao observar a Figura 2 Natalício comentou: “[...] nossa mas tinha gente, olha quanta gente, pra você ver como tinha mais gente antes”. O Sr. Natal faz um apontamento importante a ser destacado, quando observa na fotografia uma grande quantidade de pessoas usando um tipo chapéu característico de quem vive na área rural: “[...] a turma tudo de chapéu, olha quantas pessoas de chapéu”. Claro que, embora se trate de um comício a luz do dia, o acessório pode nos dizer muito sobre o período registrado. Conforme aponta D’Incerti (2004) um acessório como o chapéu:

Especialmente o chapéu e, de modo geral, todos os tipos de adorno de cabeça, tem sido utilizado inúmeras vezes como elemento não puramente descritivo de status social e econômico, mas como indício expressivo de caráter, do estado de ânimo ou mesmo como a índole dos vários personagens (D’INCERTI, 2004, p. 129).



Figura 2 - Candidatura de Augustinho Vecchi a Prefeito de Campo Mourão e José Costa Maria para vereador, 1976.

Fonte: Acervo da Prefeitura de Farol

Se comparado a atualidade Farol tinha um expressivo número de pessoas que habitavam o município, desta maneira, havia uma considerável quantidade de comércio para época, desde secos e molhados à lojas de utensílios agrícolas. Estes últimos vendiam enxada, lima, foice, facão, machado, entre outros objetos utilizados no campo.

Na entrevista do Sr. Osório da Cruz, o qual se estabeleceu em Farol aos 12 anos de idade em 1949, ele relembra que: “Os comércios era tudo de madeira, um casarão grande, e não falava mercado, falava armazém, secos e molhados para loja que vendiam alimentos”. A fala do entrevistado pode ser representada na Figura 3.



**Figura 3 – Casa Santa Rosa Comercio em Geral, Santos e Silva, 1950/1960.
Fonte: Acervo da Prefeitura de Farol**

O Sr. Natalício, ainda em relação a Figura 3, salienta que: “A Casa Rosa tinha de tudo pra vender, ferragem, tinha de tudo, uma vez depois que ficou vago nós fazia baile de formatura [...] tenho boas lembranças disso ai”. Os bailes não eram a única forma de lazer, os jogos de futebol, os parques, os circos e as festas religiosas, como as quermesses, eram local de entretenimento das pessoas da área urbana e de todas aquelas que saíam da área rural e se deslocavam para as festas na cidade. Nesta conjuntura é possível pontuar que:

As festas religiosas, como fenômeno cultural, têm sido redescobertas e revitalizadas como um fértil campo de investigação histórica, transcendendo sua visibilidade e revelando crenças e vivências demarcadas por um tempo e uma identidade coletiva [...] As cidades e as vilas, em seu conjunto, se tornavam um palco de sociabilidades numa época em que grandes distâncias separavam a população e os transportes eram pouco abundantes. Somado a isto, face aos poucos recursos de uma parcela considerável da população, as festas eram, possivelmente, as únicas oportunidades de descanso, prazeres e alegria, confraternização e divertimento, além de fornecerem importantes elementos acerca do fenômeno de circularidade cultural (JURKEVICS 2005, p. 74)

Neste sentido, a Figura 4 (com as fotografias 4, 5 e 6) mostra, nesta breve contextualização, como as festas religiosas tinham um grande papel na socialização entre os moradores, esses eventos possibilitavam a participação e democratização de uma importante parcela população.



Figura 4 – Corrida em frente à Igreja Matriz, 1980.

Figura 5 – Missa ao ar livre, Agosto de 1981.

Figura 6– Fogueira construída para festa de Santo Antônio, 1980.

Fonte: Acervo da Paróquia Santo Antônio de Farol

Nas recordações do Sr. Natalício Saraiva ele descreve a fotografia apresentada Figura 4.

[...] existia a corrida maluca que falava, era as festa de igreja, daí tinha uma loteria esportiva com 13 par pra correr, daí você podia marcar se fulano ganha ou cicrano ou dava empate, preenchia uma cartela. E olha como é que dava gente, daí fazia a fogueira (Figura 6) de 10 à 12 (doze) metros de altura, eu fazia o pau de sebo em frente ao salão paroquial, aquilo era uma festa o dia inteira da turma pra pegar uma nota lá em cima, po nhava uma nota graúda, que era pra ter diversão, atrativo pra festa.

No entanto diante dos relatos, percebe-se que desde o processo de formação até o momento houve inúmeras transformações que não ficam limitadas, somente as estruturas e formas das casas, comércios, praças e ruas, as relações entre as pessoas também mudaram. O Sr. Perciliano Xavier, que mora no município de Farol há mais de 60 anos, muitos deles na área rural do município, lembra que era bem diferente:

Que o seguinte é esse, no sítio era bom que tinha muita fartura, e agora na cidade só tem ilusão, fala ilusão né, não tem mais aquela fartura, é só no dinheiro que tem, tudo tem que comprar, ai num guenta, por isso que eu tenho vontade de mudar pro sítio, comprar uma chacinha de 2 4 alqueire, pra ter um porco ter uma galinha, agora aqui é só no comprado.

No que tangem as relações sociais estabelecidas no período de formação e no momento atual, elas apresentam-se com situações bem diferentes, isso a partir das lembranças do Sr. Natalício Saraiva:

O pessoal antes era mais próximo um do outro, os meios de comunicação nosso era remoto, era só rádio, ninguém nem sonhava com o telefone, um celular, com televisão, a televisão quando veio pra começar a ampliar demorou bastante né, e as pessoas tinha assim uma proximidade maior e pra conversar e tal, e o momento vago deles era ir à casa do vizinho, do compadre, conversar até tarde da noite contando caso, história, eu acredito que naquele tempo as pessoas eram mais felizes, tinha mais confiança e consideração do que hoje, e hoje as maiorias estão muito individuais.

Desta forma, podemos fazer uma relação entre fala do Sr. Natal sobre os dias atuais e o que afirma Bauman (2007, p. 30): “O novo individualismo, o enfraquecimento dos vínculos humanos e o definhamento da solidariedade estão gravados num dos lados da moeda cuja outra face mostra contornos nebulosos da globalização negativa”.

Neste recorte foi possível apontar que as transformações não ficaram restritas somente a forma material e a paisagem, mas também nas relações sociais. As fotografias juntamente com os relatos orais, deram condições para voltar no tempo e levantar costumes ainda não registrados, bem como as mudanças que ocorreram no passar do tempo. Tai mudanças são identificadas até mesmo nas relações que os moradores estabeleceram com outros grupos sociais e na reconstrução de algumas práticas e vivências que se percebe na atualidade, com base nas experiências passadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já salientamos não temos a pretensão de finalizar esta temática neste momento, pelo contrário, ela é apenas o início. Assim, objetiva-se ainda ampliar este estudo, democratizar as informações por meio de publicações disseminando os resultados obtidos para que um maior número de pessoas, inclusive a própria comunidade farolense, tenha acesso às informações ainda não divulgadas sobre a história do município ao qual vivem.

Agora no que tange a construção da sociedade farolense, bem como a constituição de seu território municipal, é assertivo afirmar que as mudanças ocorreram tanto na paisagem quanto no imaginário social da população. Os recursos iconográficos em conjunto às entrevistas, nos possibilitaram levantar informações ainda não publicadas e correlacionar a evolução das relações dos moradores entre si, com outros grupos sociais e com o próprio município de Farol.

Como consequência do que foi exposto, percebe-se que a saída dos trabalhadores do campo não foi feita de planejada, estando um pouco longe de ser espontânea por isso os relatos dos moradores ainda evidenciam um grande apeço quando moravam no campo. Desse modo se faz necessário continuar este estudo, para revelar um conhecimento que poderá fomentar pesquisas regionais e até mesmo em maior escala.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Mauricio de Almeida. **Sobre a memória das cidades**. Revista da Faculdade de Letras (Porto), 1998, I série, vol. XIV, p. 77-97.
- ANDRADE, Áurea A. Viana de. **Poder, Estado e Capital nos Processos Des-Re-Territorialização no Campo na Microrregião Geográfica de Campo Mourão - PR**. 2013. 310p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá.
- BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2007.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. Tradução: Diogo Mainardi – 2. ed.- São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CARDOSO, Gilmar. **Farol Nossa Terra Nossa Gente**. Farol, [2000?].
- CORRÊA, R. C. . **Modernização e memória: um olhar investigativo sobre o desenvolvimento urbano de Santa Maria (1937-1941)**. In: Segundas Jornadas de História Regional Comparada, 2005, Porto Alegre. Jornadas de História Regional Comparada. Porto Alegre: PUCRS, 2005. p. 1-10.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. Editora Ática, Série Princípios, 3. edição, n. 174, 1995.

CRUZ, Osório da. Entrevista concedida ao autor na residência do entrevistado, em Farol: gravação em áudio.

D'INCERTI, D. **Il cappello nel cinema: dal dottor Caligari al dottor Zivago**. In: VANNI, Maurizio (Org.). **Identità e diversità. Il cappello e la creatività**: a cura de Maurizio Vanni. Siena: Carlo Cambi Editore, 2004. pp. 129-137.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História Oral: memória, tempo, identidades**. 2ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. 135p.

FERREIRA, Odete Peixoto. **Novas tecnologias a serviço da reconstrução da memória urbana**. Protótipo de sistema interativo hipermídia: Cidade e Memória - Cidade de Campinas, Multimeios/IA, 2000.

FRESCA, Tânia Maria. **O papel das pequenas cidades na rede urbana paranaense**. In: BOVO, Marcos Clair; TÖWS, Ricardo Luiz; COST A, Fábio Rodrigues. **Estudos urbanos em perspectiva: reflexões, escalas e desafios**. Campo Mourão: Editora Fecilcam, 2013. P. 13-26

GARRIDO, Joan dei Alcàzar. **As fontes Oraís na Pesquisa Histórica: uma contribuição ao debate**. Revista Brasileira de História. São Paulo, Vol. 13, n. 25/26, Ago. 1993.

HOFFMANN, Maria Luisa. **Fragments da história: o uso da fotografia para a recuperação e a preservação da memória de Londrina**. São Paulo, 2015.

JODELET, Denise. **A cidade e a memória**. In: DEL RIO Vicente. DUARTE, Cristiane Rose.

JURKEVICS, Vera. Irene. 2005. **Festas religiosas: a materialidade da fé**. Revista de História: Questões & Debates. Editora UFPR, Curitiba, no 43, pp 73-86.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & história**. 3. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009. v. 1. 176 p.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares**, In: *Projeto História*. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dezembro de 1993.

NOVAES, Adauto. **A imagem e o espetáculo**. In: NOVAES, Adauto (org.). Muito além do espetáculo. São Paulo: Editora Senac, 2005, p. 8-15

POSSAMAI, Zita Rosani. **Fotografia, História e Vistas Urbanas**. História (São Paulo), v. 27, p. 253-277, 2008.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1999.

SANTOS, Natalício Saraiva dos. Entrevista concedida ao autor na residência do entrevistado, em Farol: gravação em áudio.

SANTOS, Perciliano Xavier dos. Entrevista concedida ao autor na residência do entrevistado, em Farol: gravação em áudio.

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. 85p.

SILVA, Henrique Manoel. **Alguns apontamentos sobre o Uso de Fotografias em Pesquisas Históricas**. Revista de História Regional, Ponta Grossa- PR, v. 5, n.2, p. 137-148, 2000.

SILVA, Tarcísio Glauco da ; ANDRADE, Elizete O. **Fotografia e espaço urbano: a imagem como fonte histórica**. Revista SCIAS Arte/Educação, v. 3, p. 12-32, 2014. Terra, 1982.

VENÂNCIO, Rubens. **Um outro retrato: imagens, narrativas e espaço urbano**. Porto Seguro, 2008.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel (org.). **Globalização e desenvolvimento sustentável: dinâmicas sociais rurais no Nordeste brasileiro**. Campinas: Editora Polis, 2004, 243p.

Enviado em 23/09/2019

Aprovado em 16/10/2021